



## A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO ESTÉTICO E DO ÉTICO: RUPI KAUR NO CRONOTOPO DA SALA DE AULA

José Edinaldo MONTEIRO<sup>1</sup>  
Maria da Penha Casado ALVES<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem como foco discutir, na perspectiva discursiva do Círculo de Bakhtin, como o estético e o ético, a partir da leitura literária, podem contribuir para ampliar a percepção estética do gênero poema, no cronotopo da sala de aula de uma turma de Ensino Médio. Assim, sob a luz do referencial teórico de Bakhtin, concebemos a sala de aula como um cronotopo, considerando-se de que modo a leitura literária pode colaborar para uma outra percepção desse espaço, partimos de uma problematização em torno do entendimento de como tem sido a abordagem para o estético e o ético na sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sala de aula. Língua Portuguesa. Poema. Abordagem dialógica. Rupi Kaur.

### THE UNBEARABLE LIGHTNESS OF AESTHETICS AND ETHICS RUPI KAUR IN THE CLASSROOM STOPWATCH

**ABSTRACT:** This work focuses on discussing, in the discursive perspective of the Bakhtin Circle, such as the aesthetic and the ethical, based on the literature reading, can contribute to expand the aesthetic perception of the poem genre, in the chronotope of the classroom of a high school class. Thus, in the light of Bakhtin's theoretical framework, we conceive the classroom as a chronotope, considering how literary reading can contribute to another perception of this space, we start from a problematization around understanding how the approach for the aesthetic and the ethical has been in the classroom.

**KEYWORDS:** Classroom. Portuguese language. Poem. Dialogic approach. Rupi Kaur.

---

1 Mestre pelo Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor da Educação Básica em Fortaleza/CE. Endereço eletrônico: <edinaldomonteiro@live.com>.

2 Docente Associada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Coordenadora Nacional do Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras. Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pós-Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Endereço eletrônico: <penhalves@msn.com>.

## VOZES DOS DOCUMENTOS QUE PARAMETRIZAM E ORIENTAM O ENSINO DE LINGUAGENS

A linguagem verbal, oral e escrita, representada pela língua materna, ocupa na área o papel de viabilizar a compreensão e o encontro dos discursos utilizados em diferentes esferas da vida social. É com e pela língua que as formas sociais arbitrárias de visão e divisão de mundo são incorporadas e utilizadas como instrumentos de conhecimento e comunicação. Aprende-se, com a língua, um “sentido imediato de mundo”, que deve ser desvendado, no decorrer de um processo de resgate desse e de outros sentidos possíveis (BRASIL, 2000, p. 22-23).

Entretanto, apesar dessa ponderação sobre a diversidade de gêneros discursivos, segundo Beth Brait (2000), nos Parâmetros Curriculares nacionais (PCNs) ainda ocorre um afastamento da visão dialógica, o que, entendemos, afeta a forma como o estético será trabalhado com os alunos, por meio de gêneros discursivos, como o poema, porque ainda recaem na ideia de modelos estanques que se distanciam do dialogismo de Bakhtin:

As indicações dos PCNs podem ser coerentes e produtivas, e de fato o são em vários aspectos, mas, encerrando o trabalho com o texto em modelos preestabelecidos, afastam-se da proposta do dialogismo bakhtiniano diante do texto, dos discursos, da vida, do conhecimento (BRAIT, 2000, p. 22).

Tecidas essas considerações, como, então, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de Língua Portuguesa, que aqui nos interessa, contempla a dimensão do estético?

A BNCC se organiza em 5 eixos, dentre os quais um remete ao literário, denominado “Educação Literária”. Esse eixo estabelece:

[...] no eixo Educação literária predomina a formação para conhecer e apreciar textos literários orais e escritos, de autores de língua portuguesa e de traduções de autores de clássicos da literatura internacional. Não se trata, pois, no eixo Educação literária, de ensinar literatura, mas de promover o

contato com a literatura para a formação do leitor literário, capaz de apreender e apreciar o que há de singular em um texto cuja intencionalidade não é imediatamente prática, mas artística. O leitor descobre, assim, a literatura como possibilidade de fruição estética, alternativa de leitura prazerosa. (BRASIL, 2017, p. 65)

Em contraponto com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e os PCN, a BNCC alude diretamente à dimensão do estético, ao reconhecer – para a formação do aluno – a relevância da apreciação dos textos literários, orais e escritos, o contato com a literatura em si e a intencionalidade artística e até mesmo com a fruição estética. Como prevê uma das 10 competências gerais. Esse é um ponto que vale ressaltar devido ao fato que, dentre as competências gerais, a BNCC destina uma delas ao estético, o que sugere um maior espaço para o artístico e o literário no estudo da linguagem na vida:

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas (BRASIL, 2018, p. 65)

Guardadas as devidas ressalvas, no limite deste artigo, podemos afirmar que a BNCC estabelece considerável diálogo com os referenciais do Círculo de Bakhtin, a começar pela concepção de linguagem que permeia o documento, tida como uma forma de ação e interação no mundo. Tal concepção, por sua vez, reverbera em outros fundamentos do documento, o que pode e deve, sem dúvida, ser avaliado como um avanço, consideradas as possíveis críticas. Em que sentido se dá esse avanço?

Em primeiro lugar, partindo dessa concepção de linguagem, a Base Nacional Comum Curricular passa a encarar o sujeito como constituído pelas práticas de linguagem (BRASIL,

2015, p. 29). Essa visão é, claramente, defendida pelo Círculo, para o qual na linguagem se assenta o princípio da constituição do sujeito, na interação social.

Em segundo lugar, a BNCC “eleva as práticas de linguagem à posição de objeto e ao mesmo tempo forma pela qual se dá a aprendizagem de recursos expressivos a serem mobilizadas” (GERALDI, 2015, p. 385), seguindo um princípio metodológico que, também, é atravessado pelo referencial teórico de Bakhtin e os teóricos do Círculo, uma vez que é o Uso-Reflexão-Uso que orienta toda a proposta curricular de Língua Portuguesa. E esse princípio metodológico, que fundamenta a proposta da BNCC, considera um conjunto de práticas, situando-as em campos de atuação do sujeito:

QUADRO 1 – Campos de atuação previstos pela BNCC

Campos da atuação	
1. Práticas da vida cotidiana	2. Práticas artístico-culturais
3. Práticas político-cidadãs	4. Práticas investigativas
5. Práticas culturais das TIC	Práticas do mundo do trabalho <sup>3</sup>

Fonte: Elaboração própria a partir de Geraldi (2015).

Esses campos de atuação, de forma evidente, se assemelham às esferas da comunicação social ressaltadas por Bakhtin:

Os gêneros primários do discurso refletem de modo imediato e direto uma situação de comunicação, e os gêneros secundários, especializados, refletem uma situação complexa de comunicação cultural organizada [...] A organização desses gêneros é determinada por objetivos e condições especiais de um dado *campo da comunicação*, mas os gêneros que integram sua composição têm caráter primário. (BAKHTIN, 2016, p. 140, *Grifo nosso*)

<sup>3</sup> Somente para o Ensino Médio.

Desse modo, os textos são considerados unidades concretas dos gêneros praticados em cada um dos referidos campos, a exemplo do gênero poema, escolhido para ser trabalhado neste artigo, que se relaciona com as práticas artístico-culturais. Coerente com o que já preconizavam os PCN (GERALDI, 2015), a BNCC avança, pois os objetivos de aprendizagem passam a ser vistos com ações a serem executadas. Qual, então, a implicação disso?

Talvez ainda seja muito cedo para se analisar os impactos dessa mudança no cenário prático do chão da sala de aula, tendo em vista a recente implementação de um currículo comum. No campo da discussão teórica, os gêneros discursivos parecem receber proeminência na proposta, de modo que como práticas serão aprofundados verticalmente e horizontalmente, ao longo dos anos.

## O GÊNERO POEMA NA BNCC

Como atividade literária, o gênero poema e o aprofundamento do trabalho com esse gênero discursivo, na BNCC, se dão de modo subsequente e progressivo, considerando o que se espera que os estudantes realizem como práticas.

De alguma forma, o documento delinea, de modo mais detalhado que os PCNs, um espaço que, pelo menos do ponto de vista teórico, permite enxergar o exercício da apreciação e da fruição estética como uma forma de acesso e de interação com as diversas manifestações culturais, como a própria poesia e o próprio gênero poema. O documento, inclusive, prevê habilidades relacionadas:

(EM13LP46) Participar de eventos (saraus, competições orais, audições, mostras, festivais, feiras culturais e literárias, rodas e clubes de leitura, cooperativas culturais, jograis, repentos, slams etc.), inclusive para socializar obras da própria autoria (poemas, contos e suas variedades, roteiros e microrroteiros, videominutos, playlists comentadas de música etc.) e/ou

interpretar obras de outros, inserindo-se nas diferentes práticas culturais de seu tempo.

(EM13LP48) Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos **poemas**, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura (BRASIL, 2018, p. 515, grifo nosso).

Apesar dessa perspectiva mais alinhada aos gêneros do discurso de viés bakhtiniano, Geraldi (2015), no entanto, tece uma crítica ao exagero, à quantidade de Gêneros Discursivos (GDs) que a BNCC propõe. Para o autor, isso pode levar a um falso domínio de gêneros discursivos, o que pode vir a desconstruir o funcionamento das práticas de linguagem, tendo em vista que, sendo a Matriz do Sistema de Avaliação norteadora do currículo da base, e não o contrário, a escola se torna ideologicamente um lugar de onipotência como só se aprendesse na escola, como se a vida nada ensinasse (GERALDI, 2015). Ora, o pensamento de Geraldi (2015) encontra respaldo no do próprio Bakhtin (2019) que, em suas experiências com análises estilísticas, com alunos em sala de aula, chama-nos a atenção para o fato de que “é necessário tirar os alunos do beco sem saída da linguagem livresca, para colocá-los no caminho daquela utilizada na vida: uma linguagem tanto gramatical e culturalmente correta, quanto audaciosa, criativa e viva” (GERALDI, p. 42).

Enfim, o fato é que, enquanto documento, a BNCC concede espaço *do* e *para* o estético, dando lugar ao gênero poema, no campo artístico-literário, considerando atividades de acesso e interação com o gênero discursivo em concretude. Porém, no chão da sala de aula, resta o desafio de não transformar a sala de aula em mero simulacro para as práticas de linguagem.

## A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DA LITERATURA EM SALA: COMO SE JUSTIFICA?

A literatura, o que é? O literário, para que serve? As obras literárias, a quem apetezem? Os textos literários, a que leitores o espírito enriquece? Nenhuma dessas inquietações, que nos atravessam como indivíduo e como ator social que atua no seio escolar, não passariam de meras cogitações se não fossem defrontadas e confrontadas com o espaço e tempo da sala de aula, em que é preciso encarar tanto o problema do ensino de literatura, com os sujeitos nele implicados histórica e culturalmente situados, quanto o do ensino da leitura. Problemas esses que implicam uma busca, incessante, por respostas que, para além de um “o que é?” e um “para que serve?”, possam, de forma mais pragmática, atender a um “como?”. Como a literatura pode ampliar a complexa experiência existencial do leitor? Como se pode fazer com que esse leitor enfrente os desafios da vida real ou melhor os entenda, seja para viver, sobreviver ou viver melhor, a exemplo do que escrevera Tveztan Todorov<sup>4</sup> e também reiterara Antoine Compagnon<sup>5</sup>?

Os estudos e os estudiosos da literatura, antes, já deram conta de amenizar a querela em torno da questão ontológica de uma definição; já deixaram mais evidente a funcionalidade do literário; já romperam, até certo ponto, com a elitização do acesso às obras e com a legitimação unilateral do cânone; já diversificaram a produção e a tornaram mais heterogênea e até mais personalizada para os diferentes públicos, mas temos alcançado a vida dos alunos e alunas para lhes tornar alunos leitores?

Apesar de avanços, nesse sentido, mais notadamente em termos teóricos, dados de pesquisas apontam, ainda, uma evidente falha na perspectiva da leitura e de seu ensino, com um cenário ainda menos favorável quando se trata da leitura literária. A 5ª edição da pesquisa

---

4 TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

5 COMPAGNOM, A. *O demônio da teoria*. Literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão & Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte, UFMG, 2003.

Retratos da Leitura do Brasil<sup>6</sup> evidencia um quadro de perdas. De 2015 a 2019, a porcentagem de leitores – aqueles que leram em parte ou na totalidade um livro nos últimos 3 meses anteriores à pesquisa, caiu de 56% para 52%, uma queda percentual de 4%, aparentemente pequena, mas que representa cerca de 9 milhões de leitores. Em relação aos não leitores, aquelas pessoas que, com mais de 5 anos de idade, não leram livro algum nos últimos 3 meses antecedentes à pesquisa, os dados mostram uma realidade ainda mais desfavorável, cerca de 48%, ou seja, em torno de 93 milhões de pessoas (TORKANIA, 2020). A média apontada na pesquisa é de meros 2,5 livros inteiros lidos por ano.

Ora, grande parte desse contingente de não leitores, segundo os critérios da pesquisa, é constituída de alunos e alunas que integram nossas escolas públicas, o que é preocupante. Mas nossa preocupação não reside nisso propriamente, em dados, e sim no fato de que, metaforicamente, o resultado da pesquisa acaba por refratar-se como uma metáfora mesma de um retrato, pois, na sala de aula, o que é representativo na pesquisa, de algum modo, se replica. Parece haver perda de leitores e leitoras? É o que o senso comum tende a reproduzir, mas que a pesquisa pode nos ajudar a questionar ou refutar. Se por um lado, os dados revelam um quadro de perdas, que outros ganhos estão havendo? O que tem sido a literatura para nossos jovens e nossas jovens, nestes dias? Para que lhes serve a leitura literária? Que obras da literatura lhes têm apetecido o espírito? Que poetas e poetisas estão a ler? Como a percepção estética lhes têm sido estimulada e ampliada? São todas questões que trazem para o bojo do ensino da literatura e da leitura o sujeito leitor. E foram essas, entre outras inquietações, que nos fizeram buscar respostas para este tempo e este espaço de atuação na prática do dia a dia do chão da sala de aula.

---

6 Pesquisa coordenada pelo Instituto Pró-Livro (IPL) e executada pelo IBOPE Inteligência. O IPL é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), sem fins lucrativos, criada e mantida pelas entidades do livro – Abrelivros, CBL e Snel, com o objetivo de fomento à leitura e à difusão do livro.





Na nossa prática cotidiana, até mesmo como um exercício livre de autocrítica, passamos a nos inquietar para entender que fatores motivavam o pouco espaço que é dado, na prática escolar de ensino da língua portuguesa, à dimensão do estético, ou ainda, do literário e da leitura literária. Essa preocupação se acentuou de modo que, com a leitura mais atenta da literatura e dos documentos oficiais, percebemos que a falta de espaço para o estético não se limita somente ao esparso tratamento dado pelos documentos oficiais ou ao tratamento teórico que é dado à temática, mas que isso se reflete, conseqüentemente, no espaço escolar e na vida dos sujeitos sociais que nele se inserem.

No entanto, em nossas aulas de Língua Portuguesa, como prática cotidiana, quase sempre, preferimos trazer poemas para serem analisados. Essa escolha, algumas vezes, ultrapassa o previsto no planejamento didático e parte de uma tentativa mais intuitiva de sensibilidade à realidade dos alunos e alunas e do propósito de sensibilizá-los quanto ao estético e também ao ético.

Em algumas dessas aulas, ao percebermos que um ou outro aluno estava lendo durante a aula, ficávamos divididos entre ser gentil e orientar o aluno ou a aluna a cumprir a atividade do momento ou estimular-lhes a continuidade da leitura, mesmo que, para isso, depois, ele ou ela tivessem de tomar a atividade da aula de outro colega de sala. O nosso dilema se deu, quase sempre, por entendermos que essa experiência de leitura individual seria fundamental para que, ainda que para poucos, o sujeito escolar viesse a se tornar um sujeito leitor de fato, mas como parte considerável dos professores ainda priorizávamos uma leitura majoritariamente analítica.

Não poucas vezes, porém, aproveitamos esses momentos para tentar descortinar um pouco esse universo juvenil de leitura, o que, muitas vezes, nos deixava estupefatos. Não por duvidar da “qualidade” da leitura, mas porque isso desconstruía o mito de que alunas e alunos não liam. Nesses momentos, costumávamos pedir para ver o livro e, às vezes, substituíamos o

texto previsto na aula por um de romance ou por um poema do livro que o aluno ou a aluna estivesse lendo. Por essas andanças na sala de aula, encontramos clássicos da literatura universal, literatura brasileira, literatura juvenil contemporânea, *best-sellers*, livros de autoajuda, enfim, livros com os quais eles e elas de algum modo se identificavam, entre outros. Essa diversidade, entretanto, se configurou ao longo de anos em sala de aula, porque não correspondia (como ainda não corresponde) à realidade da maioria das nossas salas de aula. Todavia, o contato intersubjetivo com alunos e alunas, do mesmo modo, alcança o professor. Rupir Kaur, por exemplo, chegou até nós por meio de uma aluna. O nosso primeiro contato visual com a obra *Outros jeitos de usar a boca* (KAUR, 2017) ocorreu em uma dessas andanças dentro da sala de aula. A vontade de ler foi imediata. Não hesitamos. A aluna também não hesitou em nos indicar a leitura. Ali mesmo, pedimos licença, lemos rapidamente um poema, certos de que precisávamos conhecer aquela autora e trazê-la como experiência estética para a nossa aula.

As palavras de Rupir Kaur nos tocaram instantaneamente. As palavras do poema nos confrontaram. Dali saímos com a convicção de que seríamos mais um novo leitor da poeta indiana. Tanto que adquirimos as duas obras da autora que conhecemos a partir da indicação indireta de uma jovem leitora que, enquanto se via refletida nos poemas de *Outros jeitos de usar a boca*, apresentou para nós um pouco da literatura contemporânea, atestando que o docente aprende com seus alunos e alunas nas interações de sala de aula.

#### AS CONCEPÇÕES TEÓRICAS QUE SUSTENTAM A LEVEZA DA REFLEXÃO

Na concepção bakhtiniana, ser corresponde a interagir dialogicamente, em um mundo em que os sujeitos permanecem em constante relação com os outros mediante a linguagem. Sob esse viés, toda palavra, entendida como enunciado, se dirige ao outro ou aos outros, de modo que, nessa interação, as vozes dos sujeitos se entrecruzam, repelem-se e até

se fundem, dentro de um processo dialógico por meio do qual constroem sentidos, através do infindável diálogo que se estabelece entre os enunciados na cadeia discursiva. Nessa perspectiva, o dialogismo, para Bakhtin/Volóchinov (2018), é constitutivo da própria linguagem. No *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, em sua discussão sobre o enunciado como unidade de comunicação discursiva, Volóchinov <sup>7</sup>(2018) chama atenção para o fato de que os estudos da linguística do século XIX, de algum modo, apontaram para uma subestimação da função comunicativa da linguagem, de maneira que se analisou, por considerável tempo, a linguagem, de uma perspectiva, segundo a qual, esta última é entendida do ponto de vista de um falante sem a relação necessária com outros participantes da comunicação discursiva (VOLÓCHINOV, 2018). Ainda, refletindo sobre essa participação do outro, o autor destaca que, se de algum modo, se considerou o papel desse outro nesse processo, partiu-se da compreensão de um ouvinte passivo. Entretanto, na orientação pela qual o autor concebe o enunciado – para ele a real unidade da comunicação discursiva –, este se dá como existente somente – e de fato – na forma de diferentes enunciações concretas de sujeitos do discurso, cujos limites são determinados pela “alternância dos sujeitos do discurso”, uma vez que para o autor, “[...] a enunciação é de natureza social” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 200).

Essa natureza social perpassa a ideia de que, para Bakhtin (2010), a enunciação ou as enunciações decorrem de relações entre a linguagem, a vida e a história, dentro de uma complexa realidade marcada por fenômenos socioideológicos vividos pelos sujeitos em interação. Faraco chama a atenção para o fato de que, apesar de todo o poder heurístico das reflexões filosóficas de Bakhtin sobre a atividade estética, “é espantoso que o discurso sobre a atividade estética continua se formulando sem tomar em conta as contribuições de Bakhtin.” (FARACO, 2011, p. 21). Por um lado, se podemos falar de um espanto, podemos buscar refletir; por outro, sobre esse poder, que emana das

---

7 Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo.

contribuições teórico-filosóficas do referencial teórico bakhtiniano e de seu Círculo, e sobre a renovação destas à dimensão do estético, uma vez que o teórico russo deu considerável atenção ao exame das particularidades da obra literária.

O pensamento de Bakhtin refuta o esteticismo puro. Para o teórico, o estético é perpassado por um viés ético e responsável. De acordo com Renfrew (2017, p. 52), a visão estética bakhtiniana, na busca da unidade ou totalidade do ser, “deve se tornar uma forma mais pronunciada e específica de pensamento participativo”.

Barros e Padilha (2011) destacam que para Bakhtin

[...] qualquer locução realmente dita em voz alta ou escrita para uma comunicação inteligível (isto é, qualquer uma exceto palavras depositadas num dicionário) é a expressão e produto da interação social de três participantes: o falante (autor), o interlocutor (leitor) e o tópico (o que ou o quem) da fala (o herói) (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 1926 *apud* BARROS; PADILHA, 2011, p. 262).

Para o autor russo, esses três participantes caracterizam-se como constitutivos do processo criativo, portanto, componentes da obra. Mas ele esclarece que há o “autor-criador”, que se diferencia como componente da obra e o “autor-homem”, que se distingue como componente da vida, mais uma vez aproximando vida e arte.

Bakhtin (2011) estabeleceu uma crítica à falta de uma abordagem teórica estética que unificasse a relação entre personagem e autor. Entretanto, sob sua perspectiva, essa relação se integra, de modo que, na interação entre os participantes, a autoria se constrói com base na interlocução e na alteridade, em um movimento dinâmico que impugna a ideia clássica de falante-ativo e ouvinte-passivo. Com base nessa concepção dialógica, passamos a enfocar o trabalho que teve como centralidade a produção estética e ética da instapoeta Rupi Kaur.

Em um vilarejo indiano chamado Munak Kalan, no estado de Punjab, em outubro de 1992, nascia a jovem escritora Rupir Kaur. Ainda na infância, devido à perseguição aos *sikhs*<sup>8</sup>, viu a família ter que fugir para Montreal, Canadá, para evitar a prisão, tortura e possível morte. A adaptação à nova realidade, com uma nova cultura e uma nova língua, marcaram profundamente a vida de Rupir, que, ao invés de brinquedos recebia livros e mais livros de sebos ou escolares de 2,99 dólares. Desse contexto, ainda no ensino médio, surgem as primeiras poesias que levariam Rupir a se consolidar como uma das poetisas mais populares do século XXI.

Em nossa pesquisa, a seleção dos poemas se deu a partir da busca por abarcar temas que retratassem a vida dos sujeitos de pesquisa.

Segundo Casado Alves, Andrade e Silva (2018), a literatura contemporânea, situada na era da liquidez, ressignificou a literatura e passou a ter, cada vez mais, as identidades juvenis refletidas e refratadas nas obras literárias, passando as obras, inclusive, a se construir a partir de valores, dilemas e problemáticas mais ligadas à realidade deles. Nesse sentido, os poemas escolhidos na pesquisa intentam se aproximar de elementos culturais representativos da vida de nossos alunos e alunas, como primeiro amor, responsabilidades, dilemas morais, sexualidade, impulsos, conflitos familiares, gênero, posição econômica, entre outros, considerando, assim, o sujeito e suas experiências sócio-históricas e culturais que os constituem.

---

8 Discípulos do Sikhismo, movimento religioso fundado, no século XV, por Nanak (1469-1539), que, grosso modo, reúne ensinamentos do Islamismo e do Hinduísmo. Devido à supremacia do islamismo de base maometana, os sikhs sofrem forte repressão e intolerância religiosa para manter sua identidade política e social. Disponível em: <<https://www.gotquestions.org/Portugues/siquismo-sikhismo.html>>. Acesso em: 21 dez. 2019.

## O PASSO A PASSO DE NOSSA ABORDAGEM NO CRONOTOPO DA SALA DE AULA

O QUADRO 2 a seguir apresenta uma organização por etapas aproximadas dos poemas, a partir da temática. Cada etapa foi nomeada com personagens do romance *A insustentável leveza do ser*, de Milan Kundera.

QUADRO 2 – Poemas por Temáticas

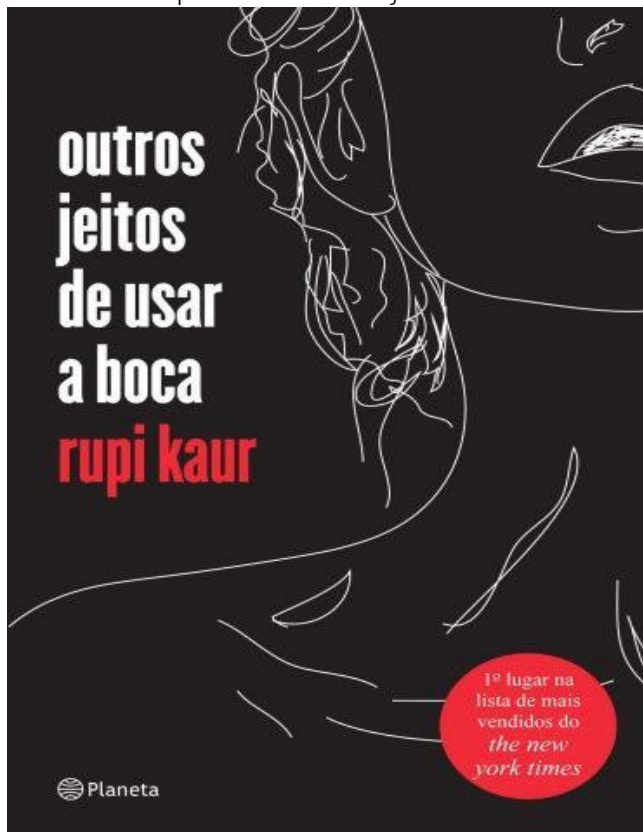
<b>Etapas do Projeto</b>	<b>Poema</b>	<b>Possibilidade de temática contemporânea relacionada ao poema</b>
Etapa Tereza	<i>toda vez que...</i>	conflitos internos
	<i>sua mãe</i>	conflitos familiares
	<i>nada mais seguro</i>	relacionamentos
	<i> você pode não ter sido...</i>	primeiro amor
Etapa Tomas	<i>eu não fui embora porque</i>	amor próprio/aceitação
	<i>Começamos</i>	encerramento de relacionamentos
	<i>meu problema com...</i>	Aceitação
	<i>todos nascemos...</i>	autoestima/empoderamento
	<i>ofereça àqueles</i>	Resiliência
Etapa Franz	<i>eu invejo o vento</i>	sentimentalismo
	<i>dia a dia</i>	sentimentalismo/paixão
	<i>eles vão</i>	conflitos individuais
	<i>Ontem</i>	depressão
	<i>Casa</i>	violência contra a mulher/estupro
	<i> você não acorda</i>	amadurecimento
	<i>deseje só amor e paz</i>	cultura de paz
Etapa Sabina	<i>quando se tratava de ouvir</i>	sororidade
	<i>minha mãe</i>	sororidade
	<i>inglês errado</i>	posição econômica
	<i>quando você começar</i>	novo amor

	<i>um homem que chora</i>	machismo
	<i>este foi...</i>	empoderamento
Etapa Simon	<i>como pai de três filhas</i>	posição social
	<i>olhe para seu corpo</i>	aceitação/empoderamento
	<i>é uma honra</i>	Preconceito/empoderamento

Fonte: elaboração própria.

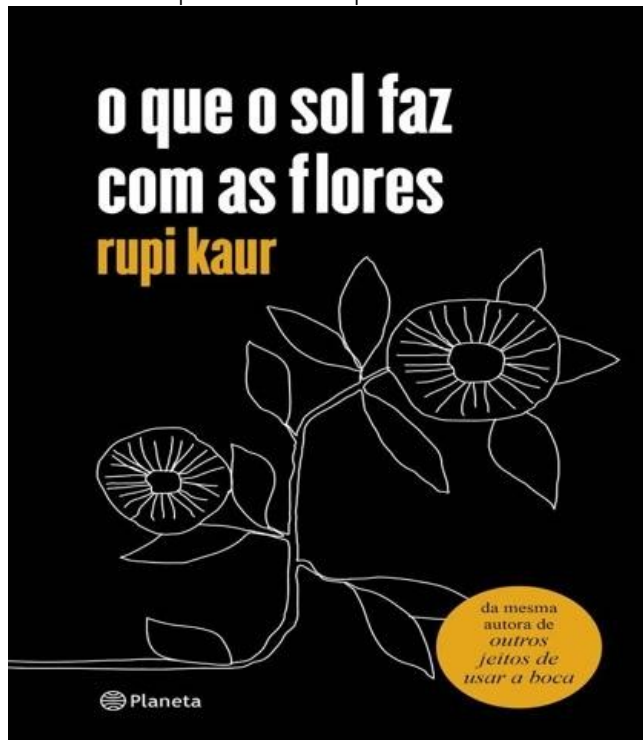
Os poemas impressos, listados anteriormente, foram escolhidos entre os textos reproduzidos das obras *Outros jeitos de usar a boca* e *O que o sol faz com as flores*, de autoria de Rupi Kaur (FIGURAS 1 e 2, respectivamente).

FIGURA 1 – Capa do livro *Outros jeitos de usar a boca*



Fonte: Acervo do autor.

FIGURA 2 – Capa do livro "O que o sol faz com as flores"



Fonte: Acervo do autor.

Esses textos foram selecionados tanto pelo professor-pesquisador como pelos alunos. Vale ressaltar que, uma vez que Rupi usa uma técnica indiana de escrita punjabi, chamada *gurmukhi*, que usa apenas o ponto final e não emprega letras maiúsculas, os poemas não foram identificados pelo título, pois não os possuem, mas pelo primeiro verso, como convencionalmente se faz. Nos casos em que o primeiro verso era muito extenso, esse título foi reduzido, o que foi indicado pelo uso de reticências.

Cada um deles recebeu um Diário de Leitura Literária, para a realização das atividades em cada uma das etapas, com os poemas selecionados e as atividades de leitura baseadas na obra *Outros jeitos de usar a boca*.

O conjunto dessas 5 macroetapas foram sintetizadas no QUADRO 3.



QUADRO 3 – Descrição sintética das etapas

Etapa	Descrição da etapa	Expectativa de leitura a ser mobilizada
Tereza	Sensibilização e apresentação do projeto de leitura literária	Leituras pessoais
Tomas	Debate sobre o estético e o ético: as artes e a arte literária	Leitura informativa
Franz	Análise e interpretação textual de poemas	Leitura analítica
Sabina	Favorecimento da expressão do sujeito leitor	Leitura subjetiva
A insustentável leveza do ler literário	Concurso de poesia e artes	Leitura de poemas, sarau, pinturas, desenhos e produção de poemas

Fonte: Elaboração própria.

### MACROETAPA TEREZA

Sensibilização e apresentação do projeto de leitura literária, a partir do gênero discursivo poema. Nessa primeira etapa<sup>9</sup>, apresentamos a pesquisa *A insustentável leveza do ler literário*. Nesse momento inicial, os alunos foram preparados levando-se em consideração que pretendíamos observar, orientar, intervir, tomar notas, pois ainda se tratava de um momento de percepção de como eles compreendiam a dimensão do estético e do ético, por meio do discurso deles.

No planejamento da intervenção, essa etapa correspondeu às aulas 1, 2, 3 e 4. Para essa etapa inicial, para a interação pela linguagem, planejamos trabalhar com os gêneros discursivos vídeo de *Youtube*, *book trailer* e poema impresso.

<sup>9</sup> Na referida etapa, também serão esclarecidas questões relativas à própria pesquisa, como a participação, a assinatura de termos, as autorizações.



## MACROETAPA TOMAS

Realização de debates sobre o estético e o ético, tendo em vista apreciação do estético e do ético para além do gênero discursivo poema. O intuito dos debates era promover discussões em torno de questões como: “o que é arte?”, “Para que serve a arte?”, “A arte deve ter limites?”, que tratavam de questões mais gerais sobre o estético. Cada pergunta seria disparada pela apresentação de um vídeo que estaria descrito no planejamento das etapas. Essa etapa previa o trabalho em 4 aulas, aulas 5, 6, 7 e 8, respectivamente. A opção por quatro aulas se deu assim porque considerávamos fundamental que essas questões fossem esclarecidas, conforme o nível intelectual e emocional dos alunos e que de fato houvesse um trabalho mais elaborado com os gêneros discursivos previstos.

A aula 5 seria para esclarecer aos alunos e às alunas como se dava a prática do gênero discursivo debate regrado, considerando as particularidades desse gênero, principalmente no que dizia respeito à moderação, à troca de turnos, à réplica e à tréplica, por exemplo. Contamos com três aulas, aulas 6, 7 e 8, para a realização do debate propriamente dito, o qual esperávamos que se desse em duas direções: uma voltada para a discussão em torno do estético e do ético, em sentido mais amplo, e outra para a sensibilização em torno do estético, a partir da leitura de poemas escritos. Na interação dessa etapa, projetamos o trabalho com os seguintes gêneros discursivos: cartaz, vídeo, debate regrado e poema (verbalizado).

## MACROETAPA FRANZ

Aplicação de oficinas de estudo e análise de poemas, a partir da leitura. Nessa etapa, realizamos duas oficinas para análise de elementos verbais, vocais e visuais. Em um primeiro momento, em textos não literários, com base no mesmo procedimento de análise de Stafuzza (2017, 2018), nos artigos *Sentidos do enunciado verbovisual em pôsteres publicitários de*

*Bastardos inglórios*<sup>10</sup> e *Diálogo e verbocovisualidade em Cantada (2014)*, de *Porta dos Fundos*<sup>11</sup>. Em um segundo momento, aplicamos esse procedimento ao gênero discursivo poema, na modalidade escrita, para auxiliar os sujeitos de pesquisa a identificarem elementos verbais, vocais e visuais nesses poemas. Por se tratar de um estudo recente, os poemas para a análise foram previamente selecionados, estudados e analisados pelo pesquisador. No planejamento da intervenção, essa etapa corresponde às aulas 9, 10, 11 e 12. Nessas aulas, pretendíamos desenvolver os trabalhos com os gêneros discursivos verbete, poema e vídeo de *Youtube*.

#### MACROETAPA SABINA

Aplicação de oficinas de preparação para a escrita de poemas. Semelhantemente à etapa anterior, os sujeitos de pesquisa participaram de duas oficinas, cada uma formada por duas aulas. No planejamento da intervenção, essa etapa equivaleu às aulas 13, 14, 15 e 16. Os poemas trabalhados nessa fase foram de escolha dos próprios sujeitos da pesquisa, advindos de diferentes fontes: livros, revistas, jornais, internet, entre outros. Dessa forma, não haveria exigência de que se pautassem pela literatura canônica, salvo se preferissem por decisão autônoma. Vale ressaltar que, embora a seleção fosse feita pelos sujeitos de pesquisa, ela se deu antes desse momento para que as duas oficinas fossem preparadas. Nas quatro etapas planejadas para essas oficinas, o trabalho com o gênero discursivo poema teve centralidade.

---

10 STAFUZZA, Grenissa Bonvino. Sentidos do enunciado verbocovisual em pôsteres publicitários de *Bastardos inglórios*. *SCRIPTA*, v. 22, p. 137-150, 2018.

11 STAFUZZA, Grenissa Bonvino; LIMA, Giselly de Oliveira. *DIÁLOGO E VERBOCOVISUALIDADE EM CANTADA (2014)*, DE PORTA DOS FUNDOS. *PROLÍNGUA (JOÃO PESSOA)*, v. 12, p. 97-109, 2017.

## MACROETAPA SIMON: A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO LER LITERÁRIO

Realização do Concurso de Poesia, com o tema *A insustentável leveza do ler literário*. O concurso foi realizado e organizado majoritariamente pelos alunos e alunas. Essa parte correspondeu às aulas 17, 18, 19 e 20. Nela, trabalhamos com uma gama mais ampla de gêneros discursivos, como o cartaz virtual, o anúncio, o *post* de *Instagram*, o *post* de *Facebook*, os *tweets* de *Twitter*, produzidos pelos sujeitos tanto nas redes sociais, como no site *Canvas*<sup>12</sup>, que possui, até hoje, uma forma de acesso gratuita. Esta plataforma permite fazer trabalhos de design gráfico (como cartazes e *posts*) para o público leigo e para profissionais. O *Canvas* usa *templates* (modelos prontos) que são redesenhados pelo próprio usuário, em uma interface intuitiva, com o recurso *drag and drop*, ou seja, basta arrastar e soltar os objetos na tela do computador, notebook, smartphone, etc. Além disso, consideramos ainda o uso de vídeos de *Youtube*, produzidos pelos sujeitos de pesquisa para convocar a comunidade escolar para prestigiar o evento. Para a divulgação do evento, os alunos puderam utilizar a plataforma de eventos on-line *Sympla*<sup>13</sup>, que é gratuita e de fácil manuseio, e as próprias redes sociais que integrariam a comunidade de leitores literários.

## LEVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo focou o trabalho em sala de aula com a produção literária contemporânea e presente nas redes sociais, a fim de redimensionar a fruição ética e estética do poema nas aulas de Língua Portuguesa. Para tanto, escolhemos a instapoeta Rupi Kaur, mundialmente conhecida, tanto pela sua produção literária, quanto pelo ativismo feminista. Nos limites deste artigo, compartilhamos uma abordagem que pode propiciar outras experiências estéticas no chão da escola que visem à formação do leitor literário.

---

12 Disponível em: <https://www.canva.com/>.

13 Disponível em: <https://www.sympla.com.br/>.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do Romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Trad. de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de estilística no ensino da língua*. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. *Alfa*, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 371-401, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n2/02.pdf>. Acesso em: 17 set. 2020.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEF, p. 1-23, 2000.

CASADO ALVES, Maria da Penha; ANDRADE, Jandara Assis de Oliveira; SILVA, Juan dos Santos. A saga da identidade na modernidade líquida: busca do eu inacabado nas obras juvenis contemporâneas. *Revista Letras Raras*, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 209-227, dez. 2018. ISSN 2317-2347. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1215/774> . Acesso em: 25 jan. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v7i3.1215>.

CASADO-ALVES, Maria da Penha; ROJO, Rxane Helena Rodrigues. Comunidades de leitores: cultura juvenil e os atos de descolecionar. *Bakhtiniana*, v. 15, n. 2, p. 145-162, 2020. Disponível em: Acesso em: 10 jan. 2020. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S217645732020000200145&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217645732020000200145&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 16 maio 2020. <https://doi.org/10.1590/2176-457343116>.

FARACO, Carlos Alberto. Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares. *Letras de Hoje*, v. 46, n. 1, p. 21-26, 20 jul. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/9217>. Acesso em: 5 maio 2020.



GERALDI, João Wanderley. O ensino de língua portuguesa e a Base Nacional Comum Curricular. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 9, n. 17, p. 381-396, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.esforce.org.br>. Acesso em: 5 set. 2020.

VOLÓCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida, a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2019.